



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



O Gaiato

Quinzenário • 8 de Agosto de 2015 • Ano LXXII • N.º 1863 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A via da radicalidade que Pai Américo assumiu e seguiu na sua vida, não foi por qualquer opção ideológica. Fez-se revolucionário não por mero desejo de contestação. Foi radical para chegar aos radicalmente afastados da vida; foi revolucionário para mexer a consciência das massas instaladas ou anémicas. A motivação e a força que o impeliram a este extremo foi o extremo amor com que amou: «Implantar uma coisa nova», darem-se as mãos para todos irem sendo «iguais».

Aquele que trabalha para melhorar alguma coisa no contexto social, encontra sempre resistências à mudança. Com Pai Américo não houve excepção, particularmente dos «homens bons», como referiu. Apesar do sistema político ser o que era, no seu tempo, os frutos que na sua Obra se viam nascer, granjearam-lhe grande confiança, pelo que pôde agir com grande liberdade no seu campo de acção.

A sua opção pelos rapazes mais repelentes e mais viciosos, é o sinal da sua grande capacidade de amar. A Obra da Rua, no seu coração e pelas suas mãos, não nasceu para osãos mas para os que andavam doentes, para os ajudar a obter a saúde no presente como substracto para uma vida futura saudável.

Desse tempo até aos dias de hoje, os anos rodaram. Com eles também o ambiente político mudou. Entretanto não acabaram os rapazes viciosos e repelentes, mas mudaram os responsáveis e as condições para os tornarem gente saudável. A liberdade de acção que Pai Américo gozou para transformar os tidos como rapazes maus em rapazes bons, para ele todos tinham o seu encanto, terminou quando a lei passou a determinar quem o poderia fazer e em que condições. Assim, a acção redentora que é ajudar a transformar o vicioso num cidadão virtuoso, deixou de ser consequência da acção livremente sacrificante por amor, para passar a ser uma acção regulamentada e normalizante.

Continua na página 4

VINDE VER!

Padre Quim

Haveis de escolher

«SOMOS a porta aberta», assim designava Pai Américo a Obra de rapazes que fundou. E já naquele tempo era grande o contraste desta pedagogia com as já existentes em lares e asilos da época. Estes, mais interessados aos uniformes, aos coros repetitivos das atitudes e normas rígidas de actuação, longe dos afectos da espontaneidade e da criatividade, tão necessárias ao desenvolvimento saudável da criança em todas as dimensões da vida. Um sistema educativo alienado da compreensão das verdadeiras necessidades humanas e espirituais, de afecto e da construção da personalidade da criança, faz dela um ser desenraizado da realidade, indiferente a tudo e a todos, incapaz de se governar na vida em relação ao seu futuro. Torna-se presa fácil para as casas de reeducação. As ditas cadeias.

A Obra da Rua, de porta sempre aberta para entrar e para sair, para admirar, compreender e amar, tem os seus métodos e o sistema de vida baseados na vida comunitária e fortemente sustentado pelas relações vivas, próximas e muito íntimas entre todos os membros do mesmo corpo. É uma família!, que faz o seu caminho para atingir a meta: «Fazer de cada rapaz um homem». Dentro dum clima favorável à educação da criança. A relação vivida com cada rapaz, faz do mesmo um protagonista insubstituível. Sem a acção e vontade própria não haveria educação no verdadeiro sentido da palavra.

Na vivência com cada rapaz, há lições de vida que cada um deve aproveitar para fortalecer a sua actuação diante das provações. Quem se acha estar de pé, tenha cuidado para não cair. Condição pela qual basta estar de pé. No meio de tantos alarmes do nosso tempo

Continua na página 2



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

80 anos depois de S. Pedro de Alva

O tempo dos milagres ainda não terminou. As sobras das multiplicações do Evangelho enchem hoje cestos, precisamente como outrora, quando Jesus abençoa o pão!

Pai Américo

AS férias escolares e judiciais não são sinais de tréguas sociais. Deus não vai de férias nem dorme diante da iniquidade. Apenas, *Jesus subiu ao monte!* A multiplicação dos pães é de todos os tempos. Sem justiça, não há paz.

Antes de descermos para o lado do mar, urgia subirmos também a um monte e pregar o Divino Senhor, na serra. Eis que uma velhinha se abeirou de nós, com um lenço à moda dantes a aconchegar a sua cabecinha afinada, deixando-nos um farnel para os viandantes.

Na Praia de Mira, foi fraterna a reunião convivial da Comunidade à volta das mesas da pequenada, em família, depois da Fracção do Pão. Todos se regalaram a manducar esparguete; e, depois do pino do Sol, mergulharam radiantes no mar límpido, de bandeira azul. Ao vislumbrarmos o areal, cheio de barcos e redes em terra, vimos uma grande multidão e evidentemente a prole de Casa, que atraía as atenções pelas suas emoções e distracções. Aqueles rapazitos, saltando na areia e furando as ondas pequeninas, estavam mesmo felizes, tal como as gaivotas!

Havia que regressar naturalmente ao outro resto do rebanho, com o coração dividido. Logo nos estimularam amigos fiéis, entre eles emigrantes, que foram dando sinais: — *Os Rapazes estão bem?* E, ainda: — *De que precisam?* É verdade, multiplicaram-se assim os cinco pães e os dois peixes daquele rapazito ladino do Evangelho. Se tivermos fé...

No interior do vale da Serra da Lousã, os Rapazes mais espigados têm suado forte e feio nas labutas dos campos, deles e por eles amanhados, para que haja também pão saído da sua mão. Não estamos nós na era do *Antropocénico* e não estará a crise ambiental radicada na crise do ser humano total? Os

garotos vão cuidando das culturas e extirparam as ervas ruins das bordaduras de um regato sem químicos, para uma ecologia integral, ao jeito deles, como repto ao desafio do Papa Francisco para se salvar a *mãe terra*. De facto, havia muita erva naquele lugar e um viçoso campo de milho grão, para se fazer pão! Chegadas as horas das paragens à sombra de vetustas oliveiras, é sacramental o desejo: — *A bucha?!* Eles procuram-nos também pela comida. E pelo alimento que dura até à vida eterna? Ainda num Domingo comum, desta estiagem, vários sentiram a beleza e a história das pedras da Igreja de Santa Cruz, e comungaram! Nem que fosse só um!

Por eles, continua a via sacra judicial. Numa conferência, sobre um Rapaz que tem aprendido a lidar com equinos, chegou a hora de assinar preto no branco para ele próprio voar, confiando na Comunidade que o criou. *Juízo e tino e corda para o sino*, é o que esperamos.

Sendo a Obra das ruas, quem lá anda, molha-se. Então, outra angústia bateu-nos ao ferrolho, de surpresa. Sobre dois miúdos, entre nós por rectaguarda insegura há mais de meia dúzia de anos, há um parecer externo e estranho de que marchem para um abrigo desconhecido; o que é verdadeiramente contraproducente. Tivemos de contestar, legalmente. Quem anda nesta vida, não pode perder o norte.

Nesta burrice, ainda fomos ver com os nossos próprios olhos um pequeno, de 8 anos, de nome António. Seu pai padece de doença pulmonar grave e, com a mãe ausente, inclina para a rua.

Outros rapazitos esperam uma resposta aflitiva: — *Não se esqueça do meu pedido, de dois irmãos, e de ajuda em géneros alimentícios.* E através de uma mãe, a caminhar para ter cabeça levantada e com filho por cá, veio mais um desafio: — *Tem 7 anos e os pais estão longe.* Estes clamores têm-nos feito doer a alma.

O Padre Américo deu de comer a muita gente, mas era contra a Sopa dos Pobres, dando-lhe corpo como medida de emergência. Sentia-se melhor dentro do

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A VULNERABILIDADE HUMANA — Numa das nossas andanças “sociais” voltamos ao contacto com reclusos de estabelecimentos prisionais da zona do Porto, incluindo os que estão na clínica psiquiátrica do Estabelecimento de Santa Cruz do Bispo. Este tipo de encontros ajuda-nos a ter uma melhor noção da vulnerabilidade do ser humano. Que ninguém se ache “melhor” do que os outros, nem os julgue em matérias de virtude, saber, ou noutras qualidades que achamos que enobrecem o ser humano. Todos somos capazes de fazer coisas boas, como, por exemplo, o carinho com que os seus colegas tratam o A., surdo-mudo da clínica de Santa Cruz do Bispo, traduzindo em linguagem gestual improvisada e não conforme às regras profissionais da mesma o que outras pessoas estão a dizer e que ele não consegue ouvir.

Num rápido momento irrefletido, podemos deitar a perder uma vida inteira que até ali foi boa, ou pode-nos cair em cima uma desgraça, seguida doutras desgraças.

Precisamos de nunca nos esquecermos desta pobreza que somos e das “riquezas” que, mesmo assim, podemos e devemos construir com a nossa pobreza, se for posta ao serviço dos outros. Só assim, poderemos compreender e ajudar, de igual para igual, os pobres. Se os julgarmos, se nos acharmos melhores do que eles, se os acharmos incapazes de melhorarem a sua vida e a dos outros, estaremos a ir por mau caminho. Que Deus nos ajude a sabermos ser “pobres”, tal como Ele nos ensinou a sê-lo. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

ENCONTRO — O nosso Encontro anual, este ano, será nos próximos 5 e 6 de Setembro na nossa casa de férias de Azurara e, como sempre, o programa é sensivelmente o mesmo:

Para sábado, o almoço é partilhado com o que cada um trouxer. Durante a tarde, uma visita à praia, se o tempo convidar.

Traz a toalha e, para melhor aconchego da noite, traz os lençóis, como é costume.

No Domingo, pela manhã, em hora a combinar, reunir-nos-emos para falar de alguns assuntos e escolher quem toma o leme para o próximo ano.

O Quim «Perozelo» e a Sãozinha, responsáveis este ano, pedem que telefonem para os números 967661608 ou 962411815, a marcar presença para melhor contabilizar os produtos para o jantar e almoço, porque não querem que haja falhas.

No ano passado foi editada, na nossa Tipografia, a Revista *Obra da Rua – 50 anos em Angola* que ilustra, em fotos e escritos, desde o início aos nossos dias, o que se passou, e passa, nas nossas Casas do Gaiato de Angola. Se ainda não adquiriste a Revista e estás interessado, diz alguma coisa que farei os possíveis por levar algumas para o Encontro. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

ENCONTRO — Realizou-se no Domingo, dia 19 de Julho, conforme noticiado em crónicas anteriores.

As actividades programadas foram iniciadas na parte da manhã com a realização da assembleia geral da AAGFN para apresentação de contas do ano anterior e aprovação do plano de actividades para o ano seguinte aprovados por unanimidade dos antigos gaiatos presentes.

De seguida, foi efectuada uma singela romagem à campa raza do Padre Carlos e efectuada a deposição de uma coroa de flores no túmulo de Pai Américo pelos elementos da direcção acompanhados de todos os gaiatos presentes.

As 12h00 foi celebrada a Eucaristia, presidida pelo Director da Obra da Rua, Padre Júlio. Foi mais uma vez lembrado a todos que somos uma grande família, de antigos e novos gaiatos que embora espalhados pelo País e pelo mundo, nunca devem esquecer o apelo para a celebração do dia de Pai Américo pois a presença de todos fortalece o espírito da Obra e homenageia o nosso bem aventurado Pai fundador.

Seguiu-se o almoço, como de costume, oferecido pela Casa, acompanhado do bom vinho produzido na quinta. Tudo decorreu com alegria e animação, rematado de um café servido no bar.

A parte da tarde, estava destinada a actividades lúdicas, e assim foi, mais uma vez, com a actuação da Tuna Musical da Associação, bem afinada pelo Miguel, e a realização de um jogo-convívio de futebol entre as antigas glórias, capitaneadas pelo Bonga, e a equipa da Casa do Gaiato composta por novos gaiatos. Escusado será dizer que o resultado é o que menos importa, mas o empate a 3, no final do jogo, espelha bem que a sã camaradagem fica acima de qualquer resultado desportivo efémero. Houve ainda tempo para um mergulho refrescante na bela piscina da Casa.

Para finalizar o dia, foram todos brindados com uma saborosa merenda onde não faltaram as sobremesas e um apetitoso caldo verde.

Foi assim um belo dia de confraternização, onde, inevitavelmente, surgem as recordações dos bons tempos passados, fazendo-nos reflectir que seremos sempre uma grande família ficando já saudades no ar, na certeza de voltar a marcar presença. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

TIPOGRAFIA — Os nossos tipógrafos continuam a ter trabalhos para fazer, embora um dos mestres esteja de baixa. O sector de impressão digital também está a funcionar bem. Estamos ainda a digitalizar o nosso Jornal para que mais tarde seja mais fácil consultar qualquer um dos seus números.

CAMPO — Já fizemos a colheita da batata. Durante a apanha, separaram-se as podres para um lado e as boas para outro. Ao fim de cada meio

dia de trabalho, levaram-se as batatas boas no tractor para o celeiro. Quanto ao milho, está a desenvolver bem porque o «Meno» o tem regado.

PADRE TELMO — Está conosco para poder fazer umas consultas médicas. Passou uns dias em Paço de Sousa e também no nosso Calvário em Beire. Teve já a visita de alguns antigos gaiatos de Malanje que foram criados pelo nosso Pe. Telmo. Nós ficamos muito contentes com a sua chegada à nossa Casa de Paço de

Sousa. Desejamos que continue com saúde para ajudar a nossa Obra no que vai sendo preciso.

MOÇAMBIQUE — Já começamos a preparar um contentor que irá para a nossa Casa do Gaiato de Maputo, onde vamos mandar máquinas de carpintaria e outras ferramentas e outras coisas que eles lá necessitam. As nossas Casas de África dependem muito para a sua vida das coisas que produzem, pois a ajuda que recebemos lá é pouca. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

80.º ANIVERSÁRIO DAS COLÓNIAS DE FÉRIAS — Para celebrar esta data festiva da Obra da Rua, a nossa Comunidade vai participar na Eucaristia dominical da Paróquia de S. Pedro de Alva (Penacova), no dia 2 de Agosto, Domingo, pelas 11.30 horas, com a participação de actuais e antigos gaiatos e amigos. Foi o nosso querido Pai Américo que deu início a essas Colónias de Campo, que depois foram para Vila Nova do Ceira e Miranda do Corvo, onde nasceu a primeira Casa do Gaiato, 5 anos depois. Damos graças a Deus por este sonho real!

FÉRIAS NA PRAIA DE MIRA — Continuou bem o primeiro turno de férias no nosso Lar na Praia de Mira. Fomos muito bem tratados, nas refeições, até com gelados, nas idas à praia, onde brincámos muito na areia e

tomámos boas banhocas no mar. Estiveram a acompanhar-nos a Senhora D. Nazaré, José Fagundo e depois o João Bandarra; e passaram alguns dias também a Sr.ª D. Ângela e os Sr.s Professores Paula e Paulo. O nosso Padre Manuel veio estar connosco e celebrar as Eucaristias dominicais. A 31 de Julho, sexta-feira, houve mudança de turno (segundo), ficando os mais crescidos outras duas semanas. Que tudo corra bem, também.

AGROPECUÁRIA — Com o Verão veio naturalmente o calor e tarefas inadiáveis nas culturas. Com o Sr. Pedro a orientar, cortámos ervas daninhas nas bordaduras dos campos atravessados pelo ribeiro. Foi cortada a rama do batatal para arrancarmos as batatas. Com a água dos nossos poços, tem-se regado o milho, as hortas e os

nossos jardins. Temos comido bons pêssegos das nossas árvores de fruto. Tem-se apanhado feijão-verde para a sopa; e cebolas, tomate e pepinos para as saladas.

ARRANJOS — Finalmente, acabou-se de colar as pastilhas na nossa piscina com cimento próprio. Foi uma tarefa difícil que se conseguiu com o Sr. Emídio. Depois, encheu-se com a nossa água e ficou uma beleza azul! Assim, já mergulhámos, depois das nossas obrigações e tarefas. Nós gostamos de nadar.

CENTRO DE ESTUDO — Depois das nossas aulas terminarem, alguns Rapazes ainda aproveitaram para estudar as matérias em que tiveram mais dificuldades. Arrumaram-se as mochilas e os materiais escolares. □

ECOS DO NOSSO CONVÍVIO

Manuel Pinto

ECOS DO NOSSO CONVÍVIO — Como os nossos Leitores sabem, celebramos, com muita devoção, a festa de Pai Américo. De há anos a esta parte, é sempre no Domingo imediato ao dia 16 de Julho. Assim foi, agora, a 19.

Tudo certinho, desde o romper do dia, com as homenagens a Pai Américo e a Padre Carlos. Seguiu-se a Missa, que encheu demais a nossa Capela. E logo depois, o almoço.

De tarde, foi a parte musical e mais convívio. A todos estes actos houve a presença de dezenas de Antigos Gaiatos e seus familiares.

Vi tristeza no olhar do Padre Baptista, quando falava com um grupo de gaiatos. Mais além, passou Padre Júlio que, sorridente, me cumprimentou.

E a saudade fez-se sentir, quando notamos a “ausência” de alguns colegas e dos nossos queridos, e sempre

lembrados, Pai Américo e Padre Carlos.

Num misto de alegria e tristeza e com a tarde deste Domingo a declinar, estava a findar o nosso Convívio. E até ao ano, se Deus quiser. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 22.475 exemplares

VINDE VER!

Padre Quim

Continuação da página 1

Às vezes chego a pensar como é possível hoje continuarmos a ser a porta aberta? Não é fácil por estas paragens. Gente de longe e de perto por ela passam. “Deus faz nascer o sol para bons e maus”.

Os vizinhos levantam muros e quanto mais posses têm mais alto ele é. O respeito pela propriedade alheia é coisa de outro tempo para muitos. Nós continuamos não só a ser a porta aberta, mas também a estar com ela sempre aberta. Correndo riscos: expostos às tempestades e trovões dos maus tempos da sociedade. A entrada de estranhos por todos os sentidos da orientação geográfica da Aldeia, menos pela porta aberta, não é saudável, porquanto peca à matéria de educação. Tantos carreiros já feitos dentro do nosso terreno, tantos caminhos sem rumo, em busca de vítimas inocentes. Por estes atalhos cruzam-se os mestres do bem e do mal. O rapaz é presa desta teia perniciosa. É preciso fugir

para não ser atingido pela doutrina dos falsos mestres, pois o Zé Maria «Juzi», foi vítima e depois protagonista dum roubo que aconteceu em nossa Casa. Entrou no autocarro e agarrou no dinheiro do peixe, da farinha, do azeite, do pão que seria para todos, e foi esbanjar. Custou a ser descoberto. Calças de moda, sapatos e telemóveis o denunciaram. O filho que rouba na casa paterna não é digno dela. Torna-se estranho, ou menos merecedor deste nome,

porque há estranhos que são como o bom samaritano. Foi castigado para servir de exemplo aos irmãos. Anda triste, melhor para curar a enfermidade. De nada lhe valeria a alegria vinda das coisas roubadas. A liberdade dos filhos de Deus concede-nos sempre a possibilidade de escolha e dela depende a felicidade do homem. O nosso bom Deus perdoa sempre porque é nosso Pai. A conclusão é de Pai Américo: «tudo quanto está dentro dos nossos muros se aproveita: o mal para que se transforme. O Bem para que melhore. Nós somos a seara imensa do trigo e do joio». □

PENSAMENTO

Pai Américo

Eu escrevo de cor. Nunca li, nem quero ler, tratados de doutrina social; antes quero dizer ao mundo de hoje como dizia o Apóstolo aos seus do seu tempo: «Aquilo que vos ensino, aprendi de Jesus Cristo». Sim; não leio nos livros, mas trago os olhos pisados das lágrimas dos que sofrem; o estômago doente dos famintos; o corpo dorido dos andrajos; a vida magoada das privações dos Irmãos...

in *Pão dos Pobres*, vol. III, p 119.

MALANJE

Padre Rafael

PADRE Telmo foi celebrar o funeral da Teresa... Lembra-te daquela história de uma menina que, com doze anos e em plena guerra, levava ao colo o seu irmão, como cuidou dele, quando outras abandonavam os seus bebés porque não suportavam o choro e a fome... Como uma comunidade de religiosas a apoiou ao ver a sua coragem e, finalmente, como nos entregaram o menino quando ele fez quatro anos — era a irmã do nosso Castemtem.

Há cinco anos, a Teresa começou a padecer de uma doença — uma espécie de paralisia intestinal que lhe produzia acumulação de líquidos. A cada dez dias tinha de ir ao hospital e estar, no mínimo, três dias para lhe extraírem os líquidos. Eram as Irmãs que a apoiavam, pois era incapaz de trabalhar por causa da sua doença. Há uma semana voltou ao hospital, depois de passado quase um mês inteiro. Desta vez, não voltou a casa.

Desde Maio que não cai uma gota de água, e assim vai conti-

nuar até Setembro. É o chamado tempo seco, nesta parte de África. Quem quer cultivar, tem de procurar as ribeiras dos rios. Nós começámos, na nossa fazenda da Carianga, a regar com bombas de água a gasóleo. Teremos que esperar por Setembro para as colheitas e vamos vender alguns produtos. O maior problema temo-lo com o gado, pois não cresce erva e as rações são muito caras. Já nos morreram várias cabeças por falta de alimento, e outras tivemos que vendê-las.

Já passou a Festa do Pai Américo, e um grupo de vinte «Bata-tinhas» recebeu o Sacramento do Baptismo. Outros adolescentes, a Primeira Comunhão. Aqui, qualquer motivo é válido para haver festa e boa comida. A nossa Família, em muitos momentos, tem que tomar decisões ou responsabilidades, mas não pode esconder a criança que tem dentro de si e expressar a sua vitalidade, dançar, brincar, rir-se. No fim, tudo correu bem. Como? O segredo do nosso

Pai Américo: *Nossas Casas são uma organização dentro de uma aparente desorganização.* A festa é deles, para eles, por eles. Nós queremos correr, sempre, o risco de confiar, de crer que o amor vai suprir o que falta. Confesso que no dia seguinte estava desanimado e me disse: Que seja como Deus quiser. Hoje, confesso que Deus estava ao nosso lado.

Falta uma semana para terminar o segundo semestre escolar. *Avôzinho*, é agora o chefe da educação e todas as semanas passa pela direcção das Escolas a saber se algum rapaz faltou ou se comportou como é devido. Na hora de estudo, obrigatória, também introduziu algumas regras. Por exemplo: Os que estudam da primeira à quarta-classes, sentam-se sempre com um da sétima, o maior, para que os ajude a fazer os deveres escolares. Outro exemplo: Os que estudam na quinta ou sexta-classes, recebem explicações de Matemática e de Línguas... O mais importante é que não me dão mais trabalho.

Padre Telmo está em Portugal de visita a familiares e amigos... Apoiando o Calvário. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ESTE mês é dedicado a Pai Américo. É urgente dá-lo a conhecer. Antes de mais como profissional de êxito, como cristão atormentado com o dinheiro, que viria a considerar tudo o que ele dá, como estercor, deixando tudo para se dar aos Pobres. Aqui em Casa, ouvimos a sua voz na abertura do Filme *Não há Rapazes maus*, inflamada quando pregou em Fátima. Vimos o filme da Casa do Gaiato de Setúbal e do Calvário. Os rapazes mais artistas fizeram pinturas e o Oseias, já artista consagrado, fez uma cópia muito fiel da foto que lhe tiraram aqui em 1951, quando passou a rever os *Encanecidos*, os Gaiatos que por aqui trabalhavam e lançar o *Património dos Pobres*. Procurei e não encontrei o filme, mas ele repete-se todos os dias. No 16 com os nossos trabalhadores, alunos externos da tarde e Professores, mais algumas pessoas da Comunidade Pai Américo da Massaca, as meninas do Orfanato e amigos da cidade, a Capela encheu-se com quase mil pessoas, sob a presidência do Sr. Núncio Apostólico. Não tivemos o Papa. Mas ele vinha vestido de branco e foi como se se tivesse abeirado de nós. Celebrámos na nossa Catedral coberta de capim, mas com a cobertura de Deus e de Nossa Senhora do Carmo, a alma a transbordar nos cânticos e danças, a entrada de Pai Américo no Céu para ouvir o “Vem bendito de meu Pai, porque tive fome e me deste de comer”. É bem sabido como ele os serviu, como aos verdadeiros senhores da sua vida. Durante a tarde, as seis Casas apresentaram o que tinham preparado, que com o barulho dos apresentadores e trotar dos pés atroaram os arês. Vieram dizer-me que as colunas da Capela pareciam estremeecer. E foram bem forçadas a isso pelos mais velhos. Mas foram os da Casa 2 que melhor actuaram. No Domingo, na Massaca, a nossa Celebração com Baptismos de doze adolescentes. O Ofertório foi tão significativo e tantas coisas trouxeram ao Altar que foram distribuídas, no fim da Comunhão, pelos velhinhos ali presentes. Depois na refeição, em Casa, a presença de muitas pessoas da cidade que nos retribuíram cem por um e saborearam a nossa refeição. Ainda houve tempo para dois jogos de futebol entre os nossos e das Comunidades vizinhas. No dia 17 estiveram aqui os actuais responsáveis da APARF. Tão amigos sem nunca nos termos encontrado. Estiveram à nossa mesa e foram ver a Massaca. Deixaram-nos a firmeza do seu apoio, aumentando-o este ano, por causa da assistência aos portadores de sida. Raoul Follereau deixou labaredas em apaixonados pelo mundo fora. E aqui, neste quarto mundo, aquecem o coração e mantêm a vida em muitos “doentes de lepra e outras doenças”. É na verdade uma endemia que nos atormenta, porque os temos connosco e à nossa volta. No amor todos nos sentimos irmãos. E sem amor não haverá justiça, sem ela não há paz e sem Deus, fonte de amor de paz e de justiça, a vida não presta. Só na segunda-feira o Sr. Arcebispo pôde estar presente. Trouxe um delicioso bolo para todos e uma bebida para acompanhar. Têm sido dias cheios, acrescidos, ainda, com visitas de trabalho de Portugal e Espanha. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Ando triste

PUBLIQUEI os escritos da D. Isaura, falecida a 9 de Maio, e não tenho nenhum eco até agora!

Dar a vida!... Consagrar-se a Deus, na Obra do Padre Américo é mergulhar num silêncio e num apagamento muito mais rigoroso que o de qualquer mosteiro. É assumir uma cruz mais áspera, injuriosa e amesquinhada do que em qualquer lugar e situação!

Ser mãe dos sem mãe não é fácil, sobretudo porque estes filhos carregam, sobre si, carências que se reportam, muitas vezes, à própria geração; maus tratos, fome e abandono, que os marca de tal forma, que é quase impossível apagá-los até à juventude!

O amor genuíno, dado sem requerer troca, é fundamental para recomeçar uma vida a equilibrar-se, mas este vigor só aparece com o desprendimento do mundo, a entrega a Deus sem reservas e a confiança cega na Providência.

Na vida das nossas Casas, as Senhoras escrevem páginas gloriosas, de uma heroicidade ímpar.

Sim. Não queremos gente que se venha arrumar, mas que esteja determinada a ordenar os outros, numa doação sem limites, segundo o convite de Jesus: *renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo, num compromisso secreto e íntimo com Ele!*

Senhoras livres, solteiras, viúvas ou mesmo separadas. O fundamental é o compromisso amadurecido com Deus!

Praia

OS mais novos fizeram praia no portinho da Arrábida, alojados na nossa casa ali situada, no meio de uma natureza esplendorosa e com vista infinda para o mar.

O mês de Julho foi dos mais pequenos, o mês de Agosto, será para os mais velhos.

Devo realçar aqui o apoio humano de que precisam e que as Senhoras da Casa não puderam dar. *É doação de dois casais gaiatos.* Eles, com as suas esposas, assumem a cozinha, o serviço das mesas, a companhia à praia e o ambiente familiar.

Os rapazes não ficam alheios. Não fazemos férias burguesas. Limpam os quartos, com as respectivas casas de banho e ajudam, aprendendo como se faz.

O Octávio, que é um excelente cozinheiro, e mestre de cozinha, tem servido os pequenos com pratos de alta culinária e atraído os rapazes à cozinha, não só para o ajudarem, mas, mais ainda, para aprenderem como se confeccionam as saborosas refeições e se embelezam os pratos. A sua esposa, a Mafalda, é muito meiga e segura com todos, crianças e jovens.

O outro casal já lá esteve o ano passado. O Flávio e a Luísa são nossos catequistas, acompanham os rapazes ao longo do ano e agora, também nas férias.

Os filhos estão arrumados e, embora com alguns encargos de netos, distribuem atenção, carinho e segurança com todos. Ninguém como os gaiatos bem formados, para colaborar connosco e, quiçá, continuarem a Obra.

Gatinhos

QUANDO reformulámos o jardim, consultámos pessoas com experiência e, estas, ao verem os cães, avisaram-me: — *Ou jardim, ou cães. Os cães são inimigos dos jardins e este, deles!*

— *Vamos a ver* —, disse comigo.

Agora, verifico exactamente o contrário. Os cães dão vida ao jardim, dormindo na relva verde, brincando, fazendo festas aos rapazes e divertindo-se com eles!

Não só os cães, também os gatos. Conhecem-se e dão-se

bem. É admirável a cumplicidade dos bichos domésticos na Casa do Gaiato.

Quando duas gatas pariram, o Bita deixou uma cria para cada mãe. Não olhou ao sexo, mas à beleza. Na verdade, as gatinhas são um encanto para os rapazes, gente de fora, que nos visita e Senhoras.

Quando no jardim, se põem a brincar, uma com a outra, às cabriolas e corridas, provocam cenas sedutoras, para toda a gente que as contempla.

O Fabinho, ao ver que o Bita deixara só uma cria para cada parideira, escondeu outra gata prenhe no seu quarto e deixou-a parir na sua cama. Era segredo. Só os amigos sabiam.

O pior foi quando os gatos cresceram. O quarto começou a cheirar mal, o Fabinho aborreceu-se e deu, secretamente, os gatinhos, aos miúdos da casa-Mãe. Foi uma festa e um grande mistério. Só os pequeninos o desvendavam.

Tiraram a chave da rouparia da casa, sem conhecimento da Senhora, e puseram lá as suas preciosidades.

Quando a senhora teve necessidade de roupa para eles, aquilo já não era uma rouparia! Tudo desalinhado, roupas pelo chão, sujidade a montes, num cheiro de fugir!

Nunca se soube quem pegou na chave e pôs lá os gatinhos. A senhora ficou desesperada.

Quando os bichos cresceram e vieram como os outros para a cozinha e sala de jantar, a Senhora agarrou na vassoura e varreu-os para fora, por duas vezes.

Estes vivem no pátio da vacaria e das galinhas. Habitaram-se ao ambiente e por lá andam, a brincar, a caçar ratos e passarinhos, aguardando o mimo dos rapazes, mais o alimento que o Bita lhes põe.

Eu chamo-lhes os bastardos. Isto é a Natureza a falar e os rapazes a deliciarem-se com ela! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Próprio tugúrio do Pobre, que gostava de escutar e ajudar a promover.

Chegados aos primórdios da *bola de neve*, sobre um acontecimento inaudito na *cidade dos doutores*, qual doutor *amoris causá*, eis um naco de um relato manuscrito dos pioneiros de há oito décadas, em S. Pedro de Alva: *No dia 1 do mês de Agosto do ano de 1935, largou a primeira caravana de Coimbra, às 11 da manhã, composta de 27 rapazes e 3 vigilantes. Gastei sete mil escudos e deram-me ofertas no valor de quatro mil e seiscentos escudos. Tendo por isso ficado com uma dívida de dois mil e quatrocentos escudos.* O então Pároco, Padre Simões e Sousa, não cessava de lhe escrever: *que não deixasse arrefecer a ideia.* Na verdade, o fogo da caridade ateu-se aí com um simples *Criado dos Pobres*. E a Providência enviou sempre meios e mãos para as suas contas, que foi saldando, pois as queria direitas, não tivesse ele sido marçano e despachante alfandegário.

No início deste Agosto evocativo, no altar dessa igreja das primícias, fomos também saldar outra dívida de eterna gratidão pela primeira *Colónia de Férias dos Garotos da Baixa de Coimbra*. Desde esse bercito pobre até costas distantes e cobiçadas de África, foram e são milhares de filhos e uma multidão incontável de amigos, nestes dois *carros* (80) de anos. A quem vamos neste Caminho? Ao Santíssimo Nome de Jesus! □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

PARA mim, torna-se cada vez mais evidente que o *Património* tem o dedo de Deus!

A História revela-nos que o Espírito *sopra onde quer* e isso comprovamo-lo, pessoalmente, nas suas manifestações.

A experiência é de Jesus: na sua conversa íntima com Nicodemos, diz-lhe: «*O vento sopra onde quer, ouves o barulho, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai. Acontece o mesmo com quem nasceu do Espírito.*»

Não são as tragédias familiares e humanas que te relato, as dores e sofrimento dos pobres que me batem à porta ou encontro nas suas casas ou barracas, os dolorosos gestos de injustiça, muito menos os meus escritos. É o Espírito de Deus que está presente e toca os corações. O resto, tudo é ilusão.

Jorge fala assim: «*Que Deus lhe dê forças para cumprir a sua tarefa, de valer aos que nada têm. Junto um cheque de mil euros e um grande abraço amigo, do Jorge.*»

Não é a primeira vez que este senhor me consola com a sua ajuda de cireneu, mas isto de tomar como sua a minha tarefa, é obra do Espírito Santo.

A Maria Amélia, atingida pela luz do mesmo Senhor, expressa-se desta maneira: «*Ontem recebi o Jornal e fiquei muito impressionada com o drama de uma família que, não só a terrível doença flagela a mãe e as meninas, o*

marido está desempregado e, ainda, na iminência de perder a casa que, para a qual descontaram durante quinze anos. Só um coração de pedra fica indiferente a um drama de tal dimensão.

Deus concedeu ao Senhor Padre Acílio o verdadeiro Espírito de lutador, (devo esconder o que diz a meu respeito).

A sua acção, junto dos mais desfavorecidos é bem eloquente.

Não há nada que se possa fazer para que esta família não perca a sua casa? Já sofrem tanto! Se fizesse um apelo, não seria possível que um grupo de pessoas (benfeitores do Património dos Pobres) se comprometessem a pagar as mensalidades?

Se se conseguisse um alargado grupo, o contributo seria menor por pessoa.

Junto a esta carta, envio, um vale de 300 euros que, independente do que possa surgir, gostaria que fosse para esta família.

Creia Senhor Padre Acílio que, sinceramente, gostaria de ajudar esta família.

Fico implorando a Deus que o Divino Espírito Santo ilumine o Senhor Padre a encontrar a melhor solução.

Comentar esta carta, é capaz de ser ofuscar a luz que ela irradia.

Responder à inquietação que ela transmite?! Isso, sim. É minha obrigação fazê-lo, quanto sei.

Apenas lancei um grito de **Justiça** por tantos casos que se

repetem. Esta injustiça está consumada com as leis que protegem sempre os mais fortes.

A casa está nas mãos do Banco e a Câmara de Setúbal disponibilizou-se para lhe arrendar, por preço simbólico, um andar nos bairros sociais.

Embaralhado com tantas e tão diversas situações dos pobres, não me lembrei, nesta altura, da alternativa que me é posta, a qual, aliás, foi secundada por outra carta que guardei — tão preciosa que era! — e não a encontro. O sopro do Espírito bem me iluminou.

Os Leitores d'O GAIATO, que me acompanham, quinzena a quinzena, recebem apenas alguns laivos das tragédias humanas que me assolam e ferem, nos dias próximos à obrigação de escrever.

Hoje de manhã, estiveram comigo duas mulheres, cada uma com o seu drama, a que não vou aludir, para não me alongar. Uma trazia uma dívida à segurança social; outra, magrinha, carregava os seis filhos e pedia que lhe arranjassem uma casinha, pois o marido está preso por não pagar uma multa, dormem uma noite em casa de uma amiga, outra noite, em casa de alguém que se dói dela e tem andado assim!...

«Arrende à senhora uma casa que eu pago-lhe a caução e o primeiro mês».

Hoje, não pude saber mais das suas vidas. A senhora arranjou-lhe um avio, roupa para ela e para as crianças e o Vasco foi pô-las à cidade, no nosso *Honda*. □

O CASCAIS

Padre Baptista

O homem tem tendência para destruir o que é belo. Ora, a família é a instituição mais antiga da história humana. É a realidade social mais conforme e adequada à existência do homem. Por isso, Jesus quando quis viver entre nós, nasceu no seio de uma família. Quando esta é desfigurada, brota logo a reclamação da sua verdade, da sua necessidade para o bem-estar social, para a harmonia da sociedade. Não se multiplicam hoje tantas e variadas formas ditas de família, desde as famílias de acolhimento até ao PACS francês? O *Cascais* perdeu a família, mas não a lembrança dela. Este rapaz veio para a nossa Casa porque os pais se separaram e nenhum deles o assumiu. Rejeitaram-no. Ele era um rapaz esperto, com muitas qualidades. Integrou-se facilmente na Comunidade. Mas a lembrança dos pais permanecia no seu espírito. Andava contente, mas faltavam-lhe os pais.

Certo dia, pede-me para ir procurar a mãe. Encontrou-a. Depois volta a dizer-me que gostava de ir ter com o pai. E começou então a repetir as saídas. Depois de muitas, vem ter comigo entusiasmado: — *Vou embora para ir viver com os meus pais. Consegui que eles se unissem. Vamos viver juntos.*

O clamor pela família é uma exigência bem forte em todo o homem. Felizes os que a têm ou a recuperam como o *Cascais*. Grande rapaz! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Somos família

CELEBRAMOS a Festa de Pai Américo com a presença dos filhos que ainda estão a viver na sua Casa de Família, a Casa do Gaiato, e dum número grande dos filhos que já estão fora. A vida destes rapazes está marcada, até ao fim, pelo amor que os faz crescer e ser homens dignos da sociedade. Doutr modo, ficariam perdidos, como lixo humano das ruas. É a sorte dos filhos, em grande número, gerados fora dum ambiente familiar normal, condenados a viver sem o amor do pai e o carinho da mãe. É um crime do homem e da mulher que os gerou e que fica impune. Quem dera as forças vivas da sociedade estejam cada vez mais atentas e façam tudo o que puderem para reduzir a dimensão desta chaga social.

O coração de Pai Américo, identificado com o Coração de Jesus, entregou-se a estes filhos abandonados, até ao fim da sua vida. As Casas do Gaiato nasceram deste Amor, para serem as Casas de Família dos filhos sem família ou tendo-a, é como se não a tivessem, porque os filhos não são amados. Quem dera cada pessoa, com a sensibilidade verdadeiramente humana, assumisse estes filhos como seus, com o amor verdadeiro traduzido na ajuda possível para que a Casa do Gaiato possa cumprir a sua missão. Há dias, dois trabalhadores, do Lobito, vieram comunicar-me os preparativos que estavam a fazer, a nível da empresa onde trabalham, para uma ajuda à nossa Casa do Gaiato de Benguela. Queriam saber quais as principais necessidades. Como é que a Casa do Gaiato vive? Quem a sustenta? A resposta, em síntese, não podia ser outra: A Casa do Gaiato de Benguela vive das ajudas das pessoas, das empresas, das esmolas comuns. Foram verdadeiramente animados a levar o seu projecto para a frente. Estes encontros são uma fonte de esperança para a nossa vida. Os pedidos para acolhermos mais crianças continuam a chegar ao nosso coração. Temos alguns rapazes mais velhos, com idade para sair da Casa do Gaiato. Necessitam de emprego para poderem ter a sua autonomia, com as condições básicas para viverem dignamente. São filhos que não têm família onde possam acolher-se, enquanto não têm trabalho. É um problema que nos aflige, porque os seus lugares poderiam ser ocupados pelos pequenos abandonados que nos procuram. Os filhos normais, enquanto não trabalham, vivem em casa dos seus pais. Estes não têm família, fora da Casa do Gaiato. Por isso, enquanto não tiverem emprego, ficariam na rua. Contudo, não queremos desanimar. Vamos continuar, sempre confiados na vossa ajuda. A vossa contribuição espontânea, segundo as vossas posses, é uma verdadeira participação neste serviço em favor dos filhos abandonados. Distribui generosamente e com alegria os tesouros da vossa bondade e liberalidade.

Ontem, a nossa Casa do Gaiato de Benguela teve a grande alegria de acolher quatro jovens. Vieram de Portugal, onde estão integrados no PROJECTO maravilhoso e cristão chamado GRÃO. A Isabel, a Rita, a Mafalda e o Bruno vêm trabalhar com os filhos da Casa do Gaiato para os ajudarem na sua formação integral. Passarão connosco cerca de dois meses. É uma ajuda admirável para estes filhos que, deste modo, se sentem cada vez mais amados. Que se sintam verdadeiramente felizes, na medida em que vivem o caminho da felicidade que é a doação da vida por amor. Não há dúvida: O caminho da nossa felicidade está em sermos generosos, e não egoístas. Não há outro motivo para a sua presença no seio desta Família admirável.

Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela que esperam de cada um de vós o vosso amor de misericórdia. □

SINAIS

Padre Telmo

CARIANGA de Cima, Carianga de Baixo — duas aldeias que resolveram vir morar à beira da estrada. E vieram. Deixaram suas lavras, fontes e lugar... O acesso à cidade na miragem — mesmo sabendo que ficavam longe das fontes! Em pouco tempo ficou só uma Carianga na sedução dos carros que passam velozes.

Nasceram logo duas Capelas — 7.º Dia e Metodista.

A seguir, o catequista Domingos reuniu o pequeno grupo de cristãos e conseguiram construir a sua Capela.

Ali vou aos Domingos dar uma força ao pequeno grupo.

Pés macios pisando a terra batida da nossa Capela. Paredes de adobes e telhado de chapas furadas.

É Domingo. O grupo de cristãos espera. Ao verem o carro, o velho catequista bate com um

ferro na jante de carro. Parece som de sino. Logo, o cumprimento amoroso, por vezes, com cântico de boas-vindas.

A Santa Missa é um hino de fé — com alma, fervor e alegria.

Certo que o Senhor fica alegre e esquece o frio das Catedrais vazias e de tantas igrejas onde os cristãos entram solenes, calados e importantes. Alguns nem cumprimentam o Senhor.

Apetece-me beijar a terra batida da nossa Capela de adobes e afagar o barro ressequido do altar.

De cada lado das filas dos bancos: casqueiras de dois metros assentes em dois adobes. Num lado, as senhoras; no outro, os homens e o coro; no centro, o corredor onde em todas as Missas a dança das ofertas.

Dar com alegria!

Beleza de Cânticos!

Estarei em férias até Outubro.

Se me deres uma ajuda, comprarei chapas e farei um altar de madeira. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

Porque a lei mata e o espírito vivifica, no dizer de S. Paulo, isto mesmo haveria de acontecer neste campo social, onde a preocupação maior tem sido alcançar a lei perfeita, que não a vida perfeita. Se no campo social lei e espírito humanos são necessários, aquela só é boa se tiver a inspiração e o assentimento deste.

Chegamos assim à realidade que conhecemos nos dias que vivemos. Perante os duros acontecimentos a que assistimos, entre pessoas e dentro

das famílias, todos os que valorizam o sentido co-responsável da vida, sentem o martírio destas vidas; os que passam indiferentes ao lado destas situações, prosseguem na sua alienação.

São em catadupa os casos de profunda desumanidade que os humanos de hoje cometem entre si. Os que assistem, quando muito, lavram as suas sentenças perante os actores e autores dessas barbaridades, ou, então, perante o sem sentido e absurdo das mesmas, ficam sem saber que dizer.

A causa primeira destes actos, sobre a qual se foi sedimentando a culpa, fica no entanto no desconhecido. Não se vai saber se houve alguém que tivesse apreciado o encanto daquele ser humano na sua meninice e o tivesse amparado. Agora, vê-se simplesmente o autor de tamanha monstruosidade, de uma brutalidade sem sentido. E se não houve quem lhe desse a mão, porque lhe faltou?

Como dizia Pai Américo, aquele que agora se senta no banco dos réus foi uma criança adorável! O que fizeram e o que fez da vida dele! □